

SIMPÓSIO AT079

COMPETIÇÃO FUNCIONAL ENTRE CONECTORES DE OPOSIÇÃO: *MAS E SÓ QUE* EM CONTEXTOS DE CONTRAEXPECTATIVA

Camilo Rosa SILVA

camilorosa@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Neste trabalho, apresento resultados de pesquisa sobre conectores opositivos flagrados em amostras de dados do discurso oral. Busco analisar o uso dos itens *mas* e *só que* como conectores opositivos atuantes em contextos de contraexpectativa (LONGHIN, 2003). São considerados pertencentes a essa classe os itens que realizam contraste que não emerge na semântica das informações contíguas no texto, mas direciona-se às inferências e pressupostos do interlocutor. O estudo se ambienta no quadro teórico funcionalista, valorizando os fenômenos de fluidez categorial dos itens linguísticos (SILVA, 2005; 2007). Na análise, aponto especificidades assumidas por eles, remetendo à gramaticalização por especialização (HOPPER, 1991), seja por generalização, seja por especificação (TAVARES, 2003).

Palavras-chave: contraexpectativa; conectores opositivos; especialização; *mas*; *só que*.

Abstract: In this paper, I present results of research about contrastive connectors caught in samples of oral discourse data. I seek to analyze the use of items *mas* and *só que* as contrastive connectors acting in contexts of counter expectation (LONGHIN, 2003). These connectors are activators of a type of contrast that does not emerge in the semantics of contiguous information in the text, but is directed to the cognitive domain of the interlocutor. The study is based on the functionalist theoretical framework, valuing the phenomena of the fluidity of linguistic items (SILVA, 2005; 2007). In the analysis, I point out specificities assumed by them, referring to the grammaticalization by specialization (HOPPER, 1991), either by generalization, or by specification (TAVARES, 2003).

Keywords: connectors; specialization; *mas*; *só que*

Introdução

Neste trabalho, exponho, sinteticamente, resultados de pesquisa em andamento sobre os conectores opositivos presentes em recortes de uso do discurso oral. Trata-se do *corpus* O Linguajar do Sertão Paraibano, organizado por Stein et al. (2012)¹. O objetivo é analisar a funcionalidade dos itens *mas* e *só que* como conectores opositivos atuantes em contextos de contraexpectativa (LONGHIN, 2003), tal como ocorre em:

- (1) E: Você falou que seus pais passaram pela seca.
I: Passaram pela seca, porque meu pai até ho/ ele é agricultor, meu pai. **Só que** ele me conta, assim, **mas** muito pouco. Porque meus pais, meu pai tem, minha mãe tem cinquenta e cinco, vai fazer cinquenta e cinco agora e meu pai vai fazer sessenta anos, já.
- (2) I: O que eu acho, eu, visão minha, é que políticas públicas, só discurso. Até agora. Certo? Que o prefeito daqui assumiu agora, porque o antigo prefeito, o prefeito Leon, ele renunciou, ele assumiu agora, criou a secretaria de política públicas. **Só que**, vamos dar um tempo pra ver se vai funcionar mesmo ou se é discurso, **mas** até agora, gestões passadas até agora, é discurso.

A concepção de uma subfunção específica para os conectores opositivos em tela, a saber, a contraexpectativa, toma como ponto fulcral a ideia de que o contraste que eles acionam não emerge na semântica das informações contíguas no texto, mas direciona-se às inferências e pressupostos do interlocutor, tentando atingir crenças, deduções ou suposições deste.

O estudo se ambienta no quadro teórico funcionalista, valorizando os fenômenos de fluidez categorial dos itens linguísticos (SILVA, 2005; 2007). Na análise, tento identificar subfunções semânticas, discursivas e pragmáticas desempenhadas por esses itens, apontando as especificidades assumidas por eles, fator que desvela o estágio de gramaticalização (HOPPER, 1991) em que se encontram, revelado pela especialização assumida nos usos. Para tanto, testo a intercambialidade entre ambos, vislumbrando a possibilidade de sinonímia discursiva para os contextos em que se inserem.

O desenvolvimento do texto está organizado em duas seções, assim formatadas: a primeira discute, brevemente, fundamentos teóricos que

¹ O *corpus* é constituído por entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes de diversas cidades localizadas no Sertão Paraibano.

sustentam uma perspectiva funcionalista de análise para o fenômeno evocado; a segunda realça o fenômeno, recorrendo aos usos dos dois conectores para arriscar comentários sobre sua funcionalidade, ratificando a compreensão de que são formas em competição pelo predomínio em um mesmo subdomínio funcional.

1. Uma visão funcional sobre a gramaticalização

Os funcionalistas concebem a língua como fenômeno dinâmico, multifacetado e maleável. Hopper (1991) defende uma condição natural de emergencialidade para a gramática, fator que seria consequência de sua permanente reconstituição *online*. Também se compreende que há indissociabilidade entre discurso e gramática, domínios que contínua e inevitavelmente se interinfluenciam.

Esse modo de compreender a língua, e nela a gramática, possibilita uma perspectiva de análise que contempla a feição cognitiva inerente à interação verbal, trazendo aquilo que Martelotta (2011, p.55) refere como “a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados”.

Não há dúvida de que os falantes recorrem ao conhecimento de mundo quando empacotam o conteúdo semântico materializado em fala e/ou escrita. A estrutura pode ser sinalizadora de uma série de recursos e fatores que não são se limitam ao produto linguístico. Nas situações de uso, portanto, estão envolvidos diversos componentes de natureza discursivo-pragmática que dizem respeito ao conhecimento dos falantes sobre o que é gramatical e sobre o que não é, mas que são inerentemente emergenciais em contextos de interação.

Examinando o processo de gramaticalização, Hopper (1991) identifica cinco princípios que nele estariam envolvidos: estratificação, especialização,

divergência, persistência e decategorização. Aqui, me interessa o princípio da especialização, que é descrito nos seguintes termos: dentro do domínio funcional, é possível a existência de várias formas com diferenças semânticas sutis. No momento da gramaticalização, essa variedade de formas diminui e aquelas formas selecionadas adquirem significados gramaticais mais gerais. Uma forma, então, pode tornar-se obrigatória, já que a possibilidade de escolha é reduzida.

Segundo Tavares (2003), a especialização pode se efetivar por generalização e por especificação. No primeiro caso, a forma assume de modo pleno as atribuições da função e ocasiona o descarte das formas competidoras; no segundo caso, há um modo mais democrático de funcionamento e cada forma assume subfunções bem específicas, continuando a conviver – e a competir – num plano mais geral da função.

Na seção a seguir, tentamos esclarecer como esse fenômeno atinge os itens alvo da presente discussão.

2. Notícias funcionalistas acerca do *mas* e do *só que*

O item *mas*, de origem *magis* no latim, recategorizou-se de advérbio em conjunção, assumindo, além da função intensificadora, um papel adversativo. Na evolução histórica, perdeu massa morfológica e destituiu-se de resquícios de sua função adverbial. Em Barreto (2002), lemos que a função relacional é resultado de outras mudanças anteriores, a saber: o advérbio *magis* exprimia uma noção de espaço (equivalente a *tanto mais*), passando a expressar noção temporal, em usos como “um tanto *mais* esperada”.

Em estudos realizados por Silva (2005), tem-se que o item assume as funções de conector opositivo e de sequenciador textual, com clara predominância da primeira. Ainda de acordo com o autor, em dados de língua escrita, o *mas* se insere em contextos nos quais emerge seu valor sequenciador mais saliente, atuando como introdutor de informações novas. Provavelmente,

os usos cada vez mais abstratos fazem o conector atuar também em contextos de contraexpectativa.

O repertório do português brasileiro para a expressão da oposição é bem estratificado, disponibilizando ao falante conectores como *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, entre outros. Longhin (2003, p. 139) destaca que, a despeito dessa generosa lista, “a língua portuguesa criou a perífrase só *que*, um item conjuncional de natureza coordenativa, que tem a propriedade de estabelecer, entre os segmentos que articula, um tipo particular de contraste.”

O estudo de Longhin (2003) é categórico em defender a função de introdutor de quebra de expectativa como característica principal da perífrase em tela. Nas palavras da autora, o item aciona sentidos diversos, e “apesar dessas variantes contextuais, [...] é possível recuperar para SÓ QUE um sentido básico e invariável, que é sempre preservado, a saber, aquele de contraste por quebra de expectativa.” (LONGHIN, 2003, p. 119-120)

Em estudos sobre os conectores de oposição no português do Brasil, Silva (2005, 2007) revela a supremacia quantitativa do *mas* e defende a posição de prototipicidade desse item para a função adversativa. Entretanto, é inevitável chamar a atenção para a multiplicidade de subfunções desempenhadas por ele e, no caso de competição com o só *que*, apontar, especialmente, a intercambialidade em diversos contextos, destacando a presença cada vez mais acentuada deste último em contextos de contraexpectativa, especialmente, quando os dados examinados são de oralidade.

Recorrendo aos exemplos do *corpus*, as ocorrências (1) e (2), já apresentadas na introdução, evidenciam contextos estruturais nos quais os dois conectores se sucedem numa mesma sequência enunciativa. A interpretação para o caso assinala o papel de focalizador, que parece mais afeito ao só *que*, já que ele abre o enunciado, imprimindo relevo a uma determinada informação, enquanto o informante parece recorrer ao *mas* para destacar o fator argumentativo prevalecente no trecho opositivo. Nesses casos, a contraexpectativa parece ser assumida pelo só *que* enquanto o *mas* introduz uma informação que se coloca no plano da ressalva, numa função mais localizada na linearidade textual.

Quanto à aludida intercambialidade, ela ocorre não sem deixar margens a variações sutis de significados pragmáticos que podem ser acionados na seleção de uma camada em detrimento da outra. Vejamos:

(3) **E:** Aí o que é que acontece nas festas?

I: Ah, o que acontece? Acontece o noveno, o novenado, de dez a vinte. Com, cada noite tem um noitado diferente, sabe? Os contribuintes que ajudam. Um desses contribuinte até, ele não mora aqui, **mas** ele, todo ano, ele faz questão de vir.

Tentando evidenciar a equivalência:

(3') **E:** Aí o que é que acontece nas festas?

I: Ah, o que acontece? Acontece o noveno, o novenado, de dez a vinte. Com, cada noite tem um noitado diferente, sabe? Os contribuintes que ajudam. Um desses contribuinte até, ele não mora aqui, **só que** ele, todo ano, ele faz questão de vir.

(4) **E:** Como é isso aí, esse rematamento, é?

I: É, rematamento é o seguinte. Junta-se num pavilhão que faz a igreja, um pavilhão, um local que fica todo mundo sentado, bebendo, curtindo a festa. Escutando música ao vivo. E vem uma pessoa fazendo esse, o tipo um le/ é um leilão. **Só que** não é leilão de troços antigos, nem coisa assim, é leilão de carne. Por exemplo, assim, de frango.

(4') **E:** Como é isso aí, esse rematamento, é?

I: É, rematamento é o seguinte. Junta-se num pavilhão que faz a igreja, um pavilhão, um local que fica todo mundo sentado, bebendo, curtindo a festa. Escutando música ao vivo. E vem uma pessoa fazendo esse, o tipo um le/ é um leilão. **Mas** não é leilão de troços antigos, nem coisa assim, é leilão de carne. Por exemplo, assim, de frango.

De fato, há potencial equivalência entre *só que/mas* e apenas um exame em uma robusta quantidade de dados, considerando nuances contextuais, poderia estabelecer exaustivamente as especificidades e minúcias que diferenciariam o uso de um do de outro. Entretanto, parece ser evidente uma condição mais universal do *mas* para a diversidade de contextos opositivos, enquanto haveria restrições para o uso do *só que* em determinados contextos. Provavelmente, o *mas* substituiria o *só que* na maioria dos usos, mas a reciprocidade não seria verdadeira.

De fato, a presença dos dois conectores em contextos de oposição explícita ou de contraexpectativa remete à noção de especialização, como princípio de gramaticalização, nos termos de Hopper (1998). A meu ver, o *mas* desenvolve uma especialização por generalização e assume a funcionalidade de conector opositivo coringa, dando conta de uma ampla gama de subfunções que apresentam sutilezas discursivas variadas. Já o *só que* parece se especializar via especificação, nos termos de Tavares (2003), visto revelar a preferência do usuário quando o discurso se ambienta em contexto favorável à contraexpectativa.

Comentários conclusivos

O presente estudo dos conectores opositivos buscou apresentar um breve apontamento de como se comportam os conectores *mas* e *só que* em usos de oralidade, considerando seu papel na expressão da função discursivo-pragmática de contraexpectativa.

A análise cogita a possibilidade de intercambialidade entre os itens no cumprimento da referida função, mas detecta uma tendência à especialização do *só que* como item mais produtivo na expressão da contraexpectativa. Assim, vistos sob o viés teórico aqui assumido, os usos recorrentes de *mas* e *só que* em contextos de contraexpectativa revelam um caminho de especialização por generalização para um e por *especificação* para o outro respectivamente. No entanto, a frequência mais recorrente² observada para o *só que* em contextos de oralidade parece denunciar uma rotinização funcional, especializando-o como conector de contraexpectativa nessa modalidade.

Assim, os itens *mas* e *só que*, considerando dados de língua oral, competem pela efetividade de especialização funcional. Evidentemente, devido

² Embora não seja possível apresentar aqui a quantificação da frequência de dados devido à exiguidade de espaço, vale anotar que há supremacia quantitativa de usos do *só que* em relação ao *mas* nos contextos já sinalizados.

a restrições de espaço, neste artigo, não seria possível ampliar a discussão e desvelar toda a idiossincrasia que conforma o funcionamento dos itens. A intenção, portanto, foi apenas noticiar os indícios do princípio da especialização, que pode ser mais bem descrita em trabalhos vindouros.

Referências

- BARRETO, T. M. M. Observações sobre as conjunções no século XVI. In: Rosa Virgínia Mattos e Silva; Américo Venâncio Lopes Machado Filho. (Org.). [O Português Quinhentista: estudos lingüísticos](#). Salvador: Edufba/UEFS, 2002, v. 1, p. 161-193.
- HOPPER, P. J. Emergent Grammar. In Michael Tomasello (ed.). *The New psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*,. 155-75. Mahwah, NJ/London: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticazation. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*, v.1, Amsterdan: Benjamins, 1991, p. 17-37.
- LONGHIN, S. R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional "só que"*. 212 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2003.
- SILVA, C. R. *Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista dos conectores de oposição em editoriais jornalísticos*. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). João Pessoa: UFPB, 2005.
- SILVA, C. R. Por uma gramática funcional. In SILVA, C. R. (org.) *Ensino de português: demandas teóricas e práticas*. João Pessoa: Ideia, 2007.
- STEIN, C. C. *O Linguajar do sertão paraibano. (Corpora urbano e rural)*. João Pessoa, EDUFPB, 2012.
- TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.